



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

COMO SE FORMARAM AS DESIGUALDADES SOCIAIS NO HAITI: UM OLHAR A PARTIR DE SAINT-SOMINGUE

Raíssa Maria Londero

raissalondero@yahoo.com.br

Universidade de São Paulo - USP

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo apresentar um estudo teórico sobre as interferências da escravidão africana nas esferas social e econômica das colônias do Caribe com a insurgência de revoltas de escravos negros e as suas respectivas repressões pelos colonizadores. Discutimos que o fato de as colônias francesas estarem organizadas em divisões sociais muito marcadas e excludentes e exigirem a aceleração na produção do trabalho pelos meios mais avançados, elas propiciaram as rebeliões mais complexas daquele eixo por décadas até a conquista da independência, em 1804, pelos escravos, num movimento conhecido como antirracista e anticolonialista contra os franceses. Chamamos a atenção para as hierarquias então estabelecidas entre os “grandes brancos” que eram membros de uma burguesia colonial avançadíssima, grandes fazendeiros, profissionais liberais e residiam na região norte; os “pequenos brancos” que eram comerciantes e residiam nas regiões oeste e sul; os mulatos que não eram concedidos os direitos de cidadania e não podiam exercer profissões ou ofícios caracterizados como liberais, embora fossem, às vezes, maiores proprietários que os brancos; e os escravos que estavam à margem da hierarquia. Através desta abordagem apresentaremos como se formaram as desigualdades sociais na sociedade de *Saint-Domingue*, as quais permanecem até os dias de hoje no então Haiti.

Palavras-chave: Desigualdades sociais, Saint-Domingue, Haiti

ABSTRACT

The present study aims to present a theoretical study on the interference of African slavery in the social and economic spheres of the Caribbean colonies with the insurgency of black slaves revolts and their respective repressions by the colonizers. We argued that the fact that the French colonies were organized in very marked and exclusive social divisions and demanded an acceleration in the production of labor by the most advanced means led to the most complex rebellions on that axis for decades until the conquest of independence in 1804 by slaves, in a movement known as anti-racist and anticolonialist against the French. We call attention to the hierarchies then established among



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

the "great whites" who were members of an advanced colonial bourgeoisie, great landowners, liberal professionals, and resided in the northern region; the "little whites" who were merchants and resided in the western and southern regions; the mulattoes who were not granted the rights of citizenship and could not exercise professions or offices characterized as liberals, although they were sometimes greater owners than whites; and the slaves who were at the margin of the hierarchy. Through this approach we will present how the social inequalities in the society of Saint-Domingue have been formed, which remain to this day in the then Haiti.

Keywords: Social inequalities, Saint-Domingue, Haiti

I. Introdução

Este trabalho tem por objetivo principal apresentar, através de uma revisão bibliográfica, a formação das desigualdades sociais no Haiti a partir da organização social da colônia francesa de *Saint Domingue* no Caribe, e como estas se manifestam negativamente até os dias de hoje no país. Para tanto, tomando como horizonte o conhecimento de problemas contemporâneos no país caribenho decorrentes de uma formação social desigual, o artigo está organizado em três seções: na primeira discute-se a descoberta pelos europeus da Hispaniola, primeiros habitantes e formação de uma próspera colônia francesa; na segunda, examina-se a desigualdade da sociedade de *Saint Domingue*, o desencadeamento de rebeliões e a independência do sistema colonial escravista; por fim, na terceira analisam-se as castas e as classes sociais do Haiti a partir da obra de James Leyburn e as circunstâncias estruturais que condicionam os modos de vida da população, ao mesmo tempo em que os preparam para a busca por alternativas que possam romper com este *status quo*.

Consideramos importante o estudo destes períodos a fim de aclarar nossa compreensão acerca da atual organização política e social do Haiti.

As notas e reflexões apresentadas neste estudo integram a pesquisa de mestrado da autora, concluída em 2016, na Universidade de São Paulo, no Brasil.

II. Marco teórico/Marco conceitual

1. A DESCOBERTA PELOS EUROPEUS DA HISPANIOLA, PRIMEIROS HABITANTES E FORMAÇÃO DE UMA PRÓSPERA COLÔNIA FRANCESA

O ano de 1492 é um marco na história do Haiti, pois foi quando o navegador e explorador genovês Cristóvão Colombo, representando a monarquia espanhola havia saído em busca de especiarias e riquezas, em meio a uma turbulência na política econômica mundial e chegado ao noroeste da ilha Hispaniola, que possui 79.000 (setenta e nove mil) quilômetros quadrados.

Na época do descobrimento, a ilha possuía cerca de 1 a 3 milhões de nativos conhecidos popularmente como “caras vermelhas”. Estes se reuniam pela mesma organização sócio-econômica, mas se subdividiam em cinco regiões e grupos culturais: o Tainos, o Ciguyens, o Ciboney, o Arauagues e os Caraibes. Cada um dos grupos vivia em harmonia entre si e respeitavam os seus caciques. (MÉTELLUS, 1987, pág. 22).

Os nativos da Hispaniola eram dotados de uma cultura rica e diversificada dominada pela religião politeísta, eles adoravam as árvores, os animais, a água, o sol, a lua, seus mortos entre outros. Nas cerimônias religiosas cantavam ou declamavam poesias. Faziam anualmente grandes procissões para celebrar suas divindades. (MÉTELLUS, 1987, pág. 23).

Porém, logo após a invasão dos conquistadores, os povos pré-colombianos daquela região foram praticamente todos escravizados nas minas de ouro e, dizimados “devido aos maus tratos, duro trabalho ao qual não estavam habituados, aos suicídios coletivos aos quais se lançavam em seu desespero e as doenças importadas pelos espanhóis.” (ALEXIS, 1970, pág. 2).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Bartolomé de Las Casas¹, que foi um padre dominicano, viajou para a Espanha com o intuito de defender a abolição da escravidão indígena e relatou o que os indígenas estavam passando com os colonizadores:

“Os espanhóis com seus cavalos, suas espadas e lanças começaram a praticar crueldades estranhas: entravam nas vilas, burgos e aldeias, não poupando nem as crianças e os homens velhos, nem as mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e as faziam em pedaços como se estivessem sobre quem, de um só golpe de espada, fenderia e abriria um homem pela metade, ou quem mais habilmente e mais destramente, de um só golpe lhe cortaria a cabeça, ou ainda, quem abriria melhor as entranhas de um homem de um só golpe. Arrancavam os filhos dos seios da mãe e lhes esfregavam a cabeça contra os rochedos enquanto que outros os lançavam à água dos córregos rindo e caçoando, e quando estavam na água gritavam: move-te, corpo de tal?! Outros, mais furiosos, passavam mães e filhos a fio de espada. Faziam certas forcas longas e baixas, de modo que os

¹ Frei Bartolomé de Las Casas nasceu em São Lorenzo não muito longe de Triana e muito provavelmente em 11 de novembro de 1484. Era filho de Pedro de Las Casas, modesto comerciante, e de Isabel de Sosa. Em 1500-1501, Bartolomé passou a frequentar a escola catedrática aonde aprendeu a gramática latina e castelhana e nestes anos provavelmente iniciou a carreira eclesiástica. Em 1502, ele acompanhou o seu pai na expedição que partiria para as índias, comandada por Nicolás de Ovando, e passou a narrar as matanças e atrocidades cometidas contra os indígenas pelas tropas de Ovando. Posteriormente, já clérigo, como ele gostava de se chamar, passou a tornar público a terrível situação dos indígenas. Uma vez, em Santo Domingo, Las Casas convocou a igreja principal, através do Frey Antonio de Montesinos, a ser mais dura e convincente em seus sermões, passando este a pregar em torno desta ideia: “Somos a voz de Cristo que grita no deserto desta ilha (...). Esta voz me diz que todos estão em estado de pecado mortal pela crueldade e o padecimento que fazem sofrer a esta população inocente. Diz-me com que direito, em nome de que justiça tens aos índios que estar numa escravidão tão cruel e terrível? Com que direito haveis desencadeado tantas guerras execráveis contra essa gente que vivia em paz em sua própria terra? (...) Porque os oprimis desta maneira não os dando o que comer e não curando os enfermos? É que por acaso são homens? Eles também não uma alma como toda criatura racional? Não tem o dever de amares como a vós mesmos?” (FRANCH, 1986).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pés tocavam quase a terra, um para cada reza, em honra e reverência de Nosso Senhor e de seus doze Apóstolos (como diziam) e deitando-lhes fogo, queimavam vivos todos os que ali estavam presos. Outros, a quem quisessem deixar vivos, cortavam-lhes as duas mãos e assim os deixavam; diziam: ide com essas cartas levar as notícias aos que fugiram para as montanhas. Dessa maneira procediam comumente com os nobres e os senhores; faziam certos gradis sobre garfos com um pequeno fogo por baixo a fim de que, lentamente, dando gritos e em tormentos infinitos, rendessem o espírito ao Criador. (...) Eu vi as coisas acima referidas e um número infinito de outras; e pois que os que podiam fugir ocultavam-se nas montanhas a fim de escapar a esses homens desumanos, despojados de qualquer piedade, ensinavam cães a fazer em pedaços um índio à primeira vista. Esses cães faziam grandes matanças e como por vezes os índios matavam algum, os espanhóis fizeram uma lei entre eles, segundo a qual por um espanhol morto faziam morrer cem índios” (LAS CASAS, 1984, pgs. 32-33).

A resposta do governo espanhol foi abolir as formas de trabalho forçado na colônia, mas na prática não foi isto o que aconteceu, os seus agentes mantiveram o tratamento. (MÉTELLUS, 1987, pg. 25). Diante disto, o padre Las Casas horrorizado com o extermínio daqueles nativos, resolveu propor a importação de negros da África, o que segundo ele, seriam mais fortes e resistentes para servir aos espanhóis.

Diante das considerações de Las Casas e a debilidade do trabalho indígena, os espanhóis começaram a traficar negros da África em 1502 e 1503. E, em 1517 Carlos V autorizou a escravidão de negros e a importação de cerca de 15 mil deles para a Hispaniola.

Contam que uma parte do povo Tainos, conhecidos por Chemes, resistiu mais tempo aos infortúnios dos europeus porque possuíam uma cultura que se utilizava de técnicas avançadas, como a cerâmica cozida em fogo aberto e o trabalho do ouro. Mas, em seguida se desprenderam as

primeiras revoltas conduzidas por um cacique conhecido por Henry, que se refugiou com outros indígenas para as montanhas e se defenderam com êxito.

Mais de duas centenas de negros escravizados haviam escapado e se juntado ao grupo de Henry. Eles foram vitoriosos em vários encontros, mas, no final, o cacique acabou os convencendo da necessidade de largarem as armas, com o argumento de que iria libertá-los. O que aconteceu foi que os negros auxiliares foram devolvidos aos espanhóis. (DORSINVILLE, 1961, pg. 6.)

Apenas os primeiros 30 anos dos espanhóis na Hispaniola foram registrados como bem-sucedidos, pois além da extração do ouro ter se esaurido, e os indígenas terem sido quase todos mortos, os espanhóis também não tomaram decisões adequadas. Em 1506, por exemplo, ordenaram o desmantelamento do litoral ocidental para remover o comércio com os holandeses. Em 1544, o imperador Carlos V permitiu que qualquer espanhol que desejasse deixar a Hispaniola, poderia então fazê-lo. Este decreto provocou um esvaziamento da colônia e a gestão da colônia começou a ser progressivamente fragilizada. (MÉTELLUS, 1987, pg. 27).

O reinado espanhol na Hispaniola durou cerca de 70 (setenta) anos, pois no final do século XVI e no início do século XVII começaram a chegar de toda a Europa, principalmente da Inglaterra, Holanda e França, piratas (filibusteros) em busca de fortunas.

Em 1625 os franceses tomaram posse de um terço da ilha de Tortuga, localizada ao noroeste da Hispaniola e, em 1697 o Tratado de Ryswick oficializou a eles a concessão do território já ocupado. As demarcações da atual República do Haiti foram elaboradas a partir daquela época.

Para trabalhar na colônia, os franceses recorreram aos escravos e os removiam da costa da África, colocando-os nos porões dos navios construídos especialmente para eles. Entre 1750 e 1789, chegaram em *Saint Domingue* cerca de 500.000 (quinhentos mil) escravos para trabalhar todos os dias, das 4 horas às 21 horas, com uma pequena pausa para o almoço e sob a vigilância de um comandante cruel. (MÉTELLUS, 1987, pg. 28).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Neste período, *Saint Domingue*, a colônia francesa no Caribe foi a que mais se utilizou da mão-de-obra escrava na América Latina. Enquanto que em meados de 1783 as colônias francesas dispunham cerca de 600.000 (seiscentos mil) escravos, nas colônias espanholas o número não chegava a 100.000 (cem mil).

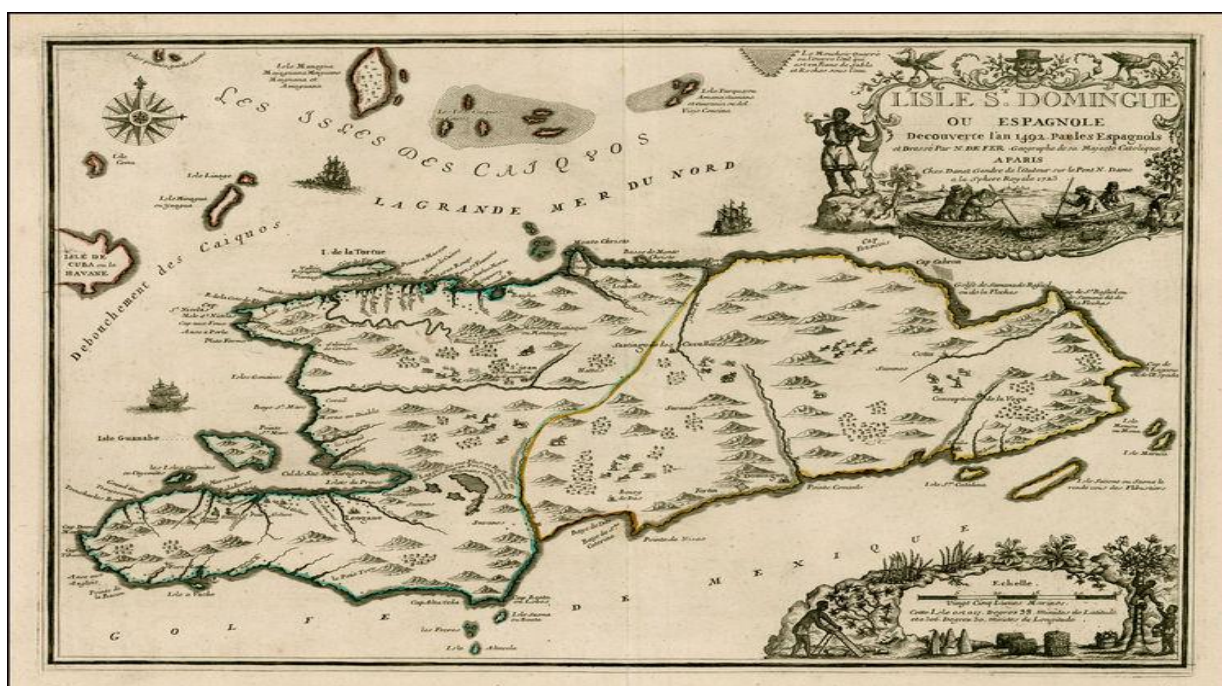


Figura 1. Mapa de Saint Domingue.

Fonte: (Nícolas de Fer, 1723) <https://www.raremaps.com>

No século XVIII, *Saint Domingue* foi a mais rica colônia francesa e ficou conhecida como a “Pérola das Antilhas”: “Além de produzir café, anil, cacau, algodão e outros gêneros, o Haiti produzia, sobretudo, o açúcar, em condições mais competitivas do que as outras colônias da época. Nessa produção, empenhava-se meio milhão de escravos, a maioria africanos, na produção de dois terços.” (GORENDER, Estudos Avançados, 18 [50], 2004).

Contudo, FRAGINALS explica que no período correspondente a 1760 a 1792 houve uma série de transformações que romperam com o equilíbrio econômico do Caribe e, sobretudo, do Haiti.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“A colônia francesa do Haiti era a maior produtora mundial do período, com 27,58% da produção total do ano 1760 e 29,55% de 1791. Mas sua grande importância se devia, além disso, ao fato de que abastecia sozinha, aproximadamente 50% do mercado livre mundial.”. (FRAGINALS, 1987, p.40)

Neste sentido, faz-se interessante colacionar abaixo o gráfico da produção colonial açucareira das colônias inglesas e francesas, correspondente ao período de 1760-1792, a fim de avaliar a alta produção haitiana na época e sua posterior queda:

COMÉRCIO INTERNACIONAL AÇUCAREIRO (1760-1792) PRODUÇÃO COLONIAL (Unidade: toneladas métricas)			
Colônias Inglesas	1760	1791	1792
Jamaica	39.841	60.900	55.464
Barbados	7.589	7.105	9.160
São Cristóvão	9.220	7.127	7.062
Antígua	5.423	3.555	3.731
Granada e Granadinas	4.000*	8.950	9.432
Montserrat	2.608	1.441	1.235
Nevis	1.912	2.335	2.255
São Vicente	—	6.002	6.000*
Tobago	—	4.150*	4.300
Dominica	—	2.600	2.860
Trinidad	—	2.030	2.335
	70.593	106.193	103.834
Colônias francesas			
Haiti	56.646	78.696	—
Martinica	17.000*	10.000	12.120
Guadalupe	7.000	8.725	9.114
Santa Lúcia	—	1.320	1.150
	80.646	98.741	22.384

Figura 2: Apêndice estatístico sobre o comércio internacional açucareiro (1760-1792). **Fonte:** Reprodução do livro “O Engenho: complexo econômico-social cubano do açúcar”, de Manuel Moreno Fraginals, 1987, pg. 37.

No que toca a forma como os franceses organizavam a colônia, o sociólogo Torcuato Di Tella, em 1984, apontou que nas colônias francesas não existia um governo representativo e que o poder se concentrava em um governador que possuía funções militares e estava acompanhado de um prefeito para a organização das finanças, e de um Conselho designado pela Coroa que tinha



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

funções judiciais. Este Conselho refletia em alguma medida opiniões locais, sobretudo do setor jurídico e dos comerciantes.

As atividades econômicas da colônia francesa no Haiti estavam divididas em três distritos: norte, oeste e sul, sendo que o primeiro era o mais densamente povoado, era aquele que possuía as grandes plantações e que acolhia um modo de vida mais aristocrático do que no resto da ilha. Nas regiões oeste e sul predominavam os mulatos, um número grande de brancos pobres e alguns imigrantes que trabalhavam como administradores nas plantações ou buscavam fortunas com novas exportações. Porém, os mulatos eram quem predominavam nestas duas regiões, sendo que alguns possuíam consideráveis fortunas e podiam enviar os seus filhos para estudar na França. (DI TELLA, 1984, pg. 28).

Na região norte os plantadores por serem de estabelecimento mais antigo eram os que levavam uma vida mais dispendiosa e haviam entre eles nobres ligados as primeiras famílias francesas. Nesta região, encontravam-se as mais importantes plantações açucareiras e cafeeiras, e a abundância de chuva favorecia a produção. Além disto, era na região norte que se concentravam os interesses comerciais, pois a comunicação com a Europa era mais fácil devido estar inserida no Distrito, na época, a principal cidade, Cap Français (Le Cap), que havia sido por muitos anos a capital da colônia, e que possuía um governador por um período temporário significativo do ano. (DI TELLA, 1984, pgs. 29-30).

A região sul, por sua vez, era a mais oposta socialmente a do norte, pois sua colonização era muito recente, com maior fronteira e mais carente economicamente, com cidades menores. “*Habia proporcionalmente más mulatos entre los plantadores, mucho menos comercio, menos administración gubernamental*” (DI TELLA, 1984, pg. 30).

Já na região oeste concentravam-se várias cidades medianas, dentre elas a atual capital do Haiti, Porto Príncipe, muito mal localizada do ponto de vista das práticas comerciais. Assim, no que se refere a formação econômica e social, esta região também diferia muito da região norte.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A distribuição de plantações por regiões na colônia do Haiti, bem como as diferenciações que foram se estabelecendo pela habitação em cada uma delas, colaboraram para determinar a divisão social do país. De acordo com Di Tella (1984), após o processo revolucionário e depois da declaração de independência do Haiti, em janeiro de 1804, houve uma divisão entre o Norte e o Sul, com diferentes governantes. Na região do norte, a administração ficou a cargo de um ex-escravo chamado Christophe e, no sul, por um mulato chamado Petion, destacado como Presidente. Nas palavras de DI TELLA:

“Christophe estabeleceu um sistema econômico baseado em manter as grandes plantações, com os negros agora transformados em cultivadores obrigados, em uma semi-servidão. No sul, prevaleceu o sistema de subdividir as plantações, abandonando o açúcar e formando uma classe de médios e pequenos proprietários, o que ao longo do tempo prevaleceu por toda a ilha. (pg. 32).

No entendimento de DI TELLA, citando Beaubrun Adoin, historiador mulato de meados do século XIX, a região norte era representada pela aristocracia, e foi a região onde os negros estabeleceram fortes hierarquias sociais, com a reprodução dos modelos que existiam na época na França; enquanto que a região sul e oeste adotaram uma forma mais democrática e igualitária, recepcionando um sistema civilista de governo.

2. A DESIGUALDADE DA SOCIEDADE DE SAINT-DOMINGUE, O DESENCADEAMENTO DE REBELIÕES E A INDEPENDÊNCIA DO SISTEMA COLONIAL ESCRAVISTA

Dos processos de colonização na América Latina, a francesa foi a que mais se utilizou da mão-de-obra escrava. Conforme os cálculos desta época, os escravos do Haiti representavam três quintos do que havia em todos os territórios antilhanos da França². O número de escravos aumentou

² BOSCH, Juan. De Cristóbal Colón a Fidel Castro: El Caribe, Frontera Imperial. – Madrid: Alfaguara, 1970, pg. 373.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

muito com a extensão da produção de açúcar e algodão na região, importava-se mais mão-de-obra, mas, também, nasciam muitos filhos deles, e *“esses filhos, salvo uma minoria que tinha a sorte de ser declarada livre, estavam também submetidos ao regime da escravidão. Um número importante de filhos de amos e escravas, que desde logo eram mulatos e entravam no grupo dos livres”* (BOSCH, 1970, pg. 374).

Com o aumento do número de escravos e as inúmeras circunstâncias que os diferenciavam nas esferas social, econômica, geográfica, e sociais que emergiam deste sistema de trabalho nas colônias passaram-se a desencadear rebeliões em evidente luta de classes e de caráter muito violento.

Naquela época, muitas revoltas foram registradas em todo o Caribe³: em 1724 no Haiti; em 1725 em Saint Kitts e Nevis; em 1728 em Antigua; em 1730 no Haiti; em 1733 em Saint John; em 1734 no Haiti; 1740 novamente no Haiti. E, em que pese terem sido elas duramente reprimidas, o cenário da região indicava situações de injustiças e desigualdades, motivo pelo qual os levantes dos escravos passaram a atingir proporções muito grandes.

Os territórios franceses estavam organizados em divisões sociais muito marcadas e isto propiciou as rebeliões mais complexas daquele eixo. Havia os “brancos grandes proprietários e comerciantes”; “os brancos médios proprietários e comerciantes”; “os brancos pequenos proprietários e comerciantes”. Os primeiros eram membros de uma burguesia colonial avançadíssima e, todo pedido destes para o então Rei era atendido. Os mulatos, por sua vez, chamados no Haiti de “Affranchís”, não podiam exercer profissões ou ofícios caracterizados como liberais, muito embora fossem maiores proprietários que os brancos. Segundo BOSCH (1970, pg. 381), esta situação de discriminação com os mulatos era muito perigosa, pois eles eram os donos da

³ Na época colonial, o território do Caribe se dividia nos seguintes grupos: i) os da Espanha; ii) os da Inglaterra, Holanda, Dinamarca e Suécia; iii) o da França. (BOSCH, 1970, pg. 377).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

terceira parte da riqueza haitiana e da quarta parte dos escravos, além de muitos deles serem cultos e terem sido educados na França⁴.

Na hierarquia estabelecida também havia aqueles identificados como burocratas franceses que vinham da metrópole para serem os representantes maiores dos interesses reais e que eram conhecidos como “Affranchis”, e aqueles que eram conhecidos como os “livres de cor”, filhos dos senhores com as escravas negras.

Os escravos haitianos estavam submetidos a um regime de disciplina muito rígido para que conseguissem atender os métodos capitalistas de alta técnica utilizada pela burguesia colonial francesa, além da demanda da Europa e da América do Norte. Neste sentido, os escravos “tinham que funcionar com a precisão com que funcionam hoje as máquinas”⁵.

A consequência da organização social e econômica estratificada e excludente de *Saint Domingue*, cumulada com a necessidade de aceleração da produção do trabalho pelo sistema da escravidão nos métodos mais avançados do capitalismo foi o desencadeamento das tensões e das crises internas na colônia, que se agravaram principalmente após a Revolução Francesa. Com esta Revolução, as divisões que existiam nos estratos superiores das sociedades francesas do Caribe foram aprofundadas: as autoridades do Rei se opuseram à Revolução, mas o grupo dos “grandes brancos” e dos grandes comerciantes decidiram apoiá-la a fim de que lhes fossem dadas liberdades para negociar produtos de qualquer país. Os “pequenos brancos” apoiaram-na também porque acreditavam que com ela melhorariam o seu status social e poderiam se igualar aos “grandes brancos”. Os mulatos a apoiaram em troca de que fossem reconhecidos os seus direitos como iguais aos dos brancos. Os escravos, por sua vez, estavam à margem do conflito e inicialmente não tomaram parte na questão. (BOSCH, 1970, p. 382).

⁴ A população de Saint-Domingue totalizava 668.000 pessoas, aproximadamente, sendo que destes 30.000 eram brancos, 38 à 39.000 eram mulatos e 600.000 escravos. (DORSINVILLE, 1961).

⁵ BOSH, Juan. De Cristóbal Colon a Fidel Castro: el caribe, frontera imperial. - Madrid: Ediciones alfaguara, 1970.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Os “grandes brancos” que residiam na região norte e os “pequenos brancos” e mulatos que se encontravam nas regiões oeste e sul passaram a entrar em conflitos por conta de direitos civis e políticos. Aos mulatos não eram concedidos os direitos dos cidadãos e estes não podiam participar dos processos eleitorais e nem serem votados nas “Assembleias de departamentos” e na “Assembleia geral” da colônia. Os “pequenos brancos” não podiam ser candidatos destes cargos públicos da época, pois os “grandes brancos” estabeleceram nas regras eleitorais que para ser candidato a um cargo deveria o interessado ser proprietário de mais de 20 escravos. O resultado foi que tanto os mulatos como os “pequenos brancos” acabaram excluídos das composições decisórias, e os “grandes brancos” foram os únicos eleitos.

Em novembro de 1970, os proprietários mulatos travaram uma luta contra os brancos em prol de conquistar os seus direitos políticos e sociais no Haiti, mas, a grande massa de escravos que até então estava à margem de todos os conflitos e preocupações, começou a intervir a fim de resolver o problema a favor de seus interesses e não em nome dos interesses dos brancos ou dos mulatos. Os proprietários não se relacionavam diretamente com os seus escravos, mas nomeavam administradores franceses para esta função. Nas palavras de BOSCH: “los grandes blancos ni los blancos, y los conjurados de Mirebalais no pensaban en ellos. Pero ellos, los realmente oprimidos, iban a pensar en sí mismos”⁶.

A desagregação dos segmentos sociais de *Saint Domingue* formava uma tensão constante, pois eram os brancos discriminando os mulatos em quase todos os espaços sociais e nos seus direitos cívicos; e, os mulatos ressentidos pela diferenciação que sofriam dos brancos e passando a disseminar ódio aos seus escravos e a outros negros – incutindo-lhes sempre que podiam sentimentos de inferioridade. O resultado disto foi o despertar da fúria dos escravos e o início do processo de fuga dos mesmos.

⁶ BOSCH, Juan. De Cristóbal Colon a Fidel Castro: el caribe, frontera imperial. – Madrid: Ediciones alfaguara, 1970, p. 391.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em 1758, Makandal iniciou as rebeliões dos escravos, mas foi brutalmente queimado vivo na Cap-Françai. Em 14 de agosto de 1791, trinta e três anos depois, emergiu outra grande revolta de escravos comandada por Bouckman⁷:

A rebelião era total, queimaram os canaviais e os cafezais, as luxuosas casas, os edifícios das fábricas de açúcar e de rum, os dormitórios dos escravos. Os amos, suas mulheres e seus filhos foram mortos a golpes de facões e queimados em fogueiras nas suas próprias casas. A rebelião, que havia se instalado na região oeste de Cap-Français se estendeu imediatamente ao sul e ao leste (...) de maneira que uma semana depois do levante de Bouckman, a Cap-Français estava cercada por milhares de escravos enfurecidos, que destruíam tudo o que havia em sua frente. (BOSCH, 1970, p. 392).

A partir desta rebelião, os brancos e mulatos tentaram estabelecer um acordo para igualar os direitos políticos e civis destes com os daqueles, que supostamente iriam se refletir nas próximas eleições, porém, o documento celebrado possuía caráter fraudulento. Assim, os conflitos entre brancos e mulatos, que contavam com o apoio dos negros livres, passaram a se desencadear também em *Saint-Domingue*. Estas revoltas e rebeliões destruíram muitos cafezais e engenhos de açúcar, além de terem morrido milhares de negros, escravos, brancos e mulatos.

As revoltas na região de *Saint-Domingue* tinham por características lutas raciais (negros, mulatos e brancos), sociais (brancos e mulatos ocupando espaços sociais e políticos diferentes, sendo que os mulatos, por sua vez, se viam com seus direitos cerceados), mas também era uma luta de independência da colônia contra a metrópole, dos haitianos contra os franceses⁸.

⁷ Bouckman era um capataz de quadrilhas de escravos nos engenhos açucareiros de Limbé. Seu amo era Sébastien-François-Ange Le Normand de Mézy. Le Normand de Mézy pertencia ao grupo dos “grandes brancos” (BOSCH, 1970).

⁸ Para que pudesse resultar em um acontecimento como esse morreram mais de 50 mil franceses somente na última guerra e mais de 100 mil negros, desde 1791; e o país havia sido assolado e os que foram senhores da terra, os senhores do dinheiro, os senhores das fábricas de açúcar e de rum, os senhores dos homens, estavam mortos, queimados em suas belas casas ou enterrados nas estradas, e muitos morriam na emigração, esperando até o último dia a notícia de que já podiam voltar ao Haiti, porque o Haiti, ao fim, havia sido liberto de seus negros bárbaros tiranos. (Bosch, 1970, p. 453).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em 1º de janeiro de 1804, negros e mulatos haitianos travaram uma luta feroz que ficou conhecida como uma guerra de libertação nacional. Este movimento antirracista e anticolonialista contra os franceses foi liderado pelo ex-escravo Toussaint Louverture, e logo mais tarde, continuou sob o comando de Jacques Dessalines⁹.

Pela primeira vez na história, uma colônia negra obtém a abolição da escravatura a partir de uma revolta de escravos que durou treze anos (1791-1804). Os brancos proprietários e plantadores foram eliminados com o levante dos negros em 1791 e os seus antigos escravos tornaram-se imperadores, reis e governadores e, com isso, a partir de 1806, o Haiti se dividiu em dois Estados que entravam em conflito entre si: uma monarquia de negros que se localizava na região norte e, uma república de mulatos, que se encontrava na região sul. Segundo a autora Eliesse dos Santos Scamaral, neste período há uma inversão de dominadores e dominados: “A revolução dos escravos no Haiti foi demonizada porque representou a inversão da ordem estabelecida. Negros submetendo brancos, escravos submetendo senhores.” (SCAMARAL, p. 10).

3. AS CASTAS E AS CLASSES SOCIAIS DO HAITI

A estrutura social do Haiti foi estudada por James Leyburn (1946) em sua obra “El Pueblo haitiano”, onde procurou investigar que estrutura social se estabeleceu no país caribenho depois da proclamação da independência, em 1804, e por que métodos. Para tanto, apresentou a organização de classes dos haitianos, relatando que o fenômeno mais surpreendente que se observa no país é, provavelmente, a sua divisão em dois grupos sociais: a aristocracia e as massas. O autor defende

⁹ O regime de Toussaint era intrinsecamente fraco porque pretendia manter unidas, em uma época de revolução, as forças sociais mais opostas; e assim, queria satisfazer ao mesmo tempo aos migrantes brancos e mulatos que haviam retornado devolvendo-lhes suas propriedades mas não os seus escravos, e queria manter a liberdade dos negros e no entanto os obrigava a viver nas terras de seus antigos senhores com uma disciplina de trabalho tão dura, ou mais dura, que a que haviam conhecido nos dias da escravidão. Na ordem política, Toussaint queria ser livre na ilha de *Saint Domingue*, em toda ilha, não somente na parte francesa, mas ao mesmo tempo queria conservar o país e dependente da França, o que significa que queria satisfazer os que eram partidários da independência total e os que eram partidários de que o Haiti continuasse sendo uma colônia submissa. Mas, a autoridade de Toussaint sobre a situação foi diminuindo e aniquilada depois com a chegada de Lecrec. A sociedade organizada por Toussaint encontrou-se em crise e dividida. (BOSCH, 1970, p. 447).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que a rigidez que separa uma classe da outra identifica no Haiti uma divisão social por castas, que passa a nortear em cada haitiano, desde o seu nascimento até a sua morte, sua profissão, sua linguagem, sua religião, seu matrimônio, sua vida familiar, sua participação na política, sua vestimenta e sua posição social (LEYBURN, 1946, p. 14).

Nas esferas de trabalho, as massas haitianas são encarregadas de realizar os trabalhos manuais e é quase praticamente impossível para os jovens camponeses obter dinheiro e instruções necessárias para ascender às carreiras ocupadas pelos aristocratas. Leyburn se posiciona sobre esta condição da seguinte forma: “no instante do nascimento, o futuro lugar de uma criança na vida econômica já está predeterminado dentro de margens estreitas” (LEYBURN, 1946, p. 15). Por sua vez, a aristocracia não se ocupa de trabalhos manuais e é sobre ela que repousa toda a estrutura econômica do país, pois todas as profissões liberais, a maioria dos cargos governamentais e militares e as grandes empresas comerciais são exercidas por representantes desta classe. Para os membros da aristocracia, a profissão mais popular e ambicionada é a de advogado, pois acreditam ser esta que vai melhor conduzir a ascensão em altos postos políticos e, conseqüentemente, torná-los mais ricos em um curto espaço de tempo.

A incidência da distinção entre as castas também salta aos olhos na esfera feminina, pois conforme Leyburn, a mulher aristocrática não ocupa quaisquer carreiras públicas em que possa se cansar, ela gerencia a economia doméstica e tem servos das massas para lhe servir. Já a mulher camponesa é desde criança uma trabalhadora incansável e indispensável para a vida econômica do país, pois além de realizar as tarefas domésticas também se dedica ao trabalho no campo, sendo a encarregada de levar as mercadorias aos mercados públicos para a venda e caminhando às vezes muitos quilômetros.

Outro elemento detector da divisão por Leyburn foi a educação e a capacidade para falar o idioma francês. De acordo com o autor, quando os franceses importaram escravos africanos para trabalhar na colônia de *Saint-Domingue*, estes não tinham uma língua comum porque vinham de diferentes lugares do continente africano. Assim, o idioma francês usado pelos colonizadores e



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

misturado com o dialeto normando deu origem no idioma crioulo. Atualmente tanto o francês como o crioulo são os idiomas oficiais do Haiti, é assim que assegura o artigo 5º da Constituição de 1987: “Todos os haitianos são unidos por uma língua comum, o crioulo. O crioulo e o francês são as línguas oficiais da República”, contudo, na prática todo haitiano, seja de classe alta ou baixa conhece e usa a linguagem do crioulo, mas nem todos os haitianos falam o francês, somente fala francês quem tem a vantagem de frequentar aulas escolares e estar em contato com a aristocracia.

Os membros da aristocracia vivem nas cidades e muitos até possuem residências nos campos, mas preferem viver nas suas casas em Petionville, Porto Príncipe, Cap-Haitien. Viver na zona rural é estar à margem das atividades sociais, além disto, “nas cidades estão as escolas, lá se fala francês, lá e somente lá existem as oportunidades financeiras e sociais”¹⁰. A religião também é outra distinção entre as duas classes. Poucos membros da aristocracia praticam abertamente o culto do vodu, embora secretamente muitos os façam e quase todos participam dos rituais católicos. Destacou LEYBURN sobre isto o seguinte:

Poucos membros da classe alta, por mais que seus corações recorram a consoladora proteção do vodu, se atrevem a reconhecer abertamente seu “retrocesso” em participar no culto. Devem ser católicos ou agnósticos. Se faz notar frequentemente que, em seu foro íntimo, muitos aristocratas que professam a fé católica, abrigam crenças voduísticas, mas a verdade é que mantêm seu culto secreto. A causa de que no exterior se ridiculariza o vodu, qualificando-o de superstição, como também pelo fato de que a Igreja oficialmente reconhecida (católica romana), o combate. O governo tem adotado restrições que mantêm estritamente seu ritual fora da vista do público. As leis discriminatórias, no entanto, não tem facilitado a adesão das massas. Por se tratar de uma religião de caráter “vulgar”, a classe seleta se vê impedida de aderir abertamente ao vodu. (LEYBURN, 1946, p. 18).

¹⁰ LEYBURN, James G. El Pueblo haitiano. – Buenos Aires: Editorial claridade, 1946, p. 17..



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A distinção considerada a mais delicada entre as duas castas é a cor da pele. Os indivíduos das classes inferiores são em sua maioria os mais escuros e ainda negros puros. Quanto mais clara for a pele, mais provável que a pessoa seja da classe alta. Contudo, existem negros puros aristocratas, como existem muitos camponeses de pele clara, mas em geral, nas reuniões da alta sociedade é muito raro ver uma pessoa de pele escura. Inclusive, Leyburn diz que entre a juventude existe uma cultura de tentar se casar com pessoas de pele mais clara ou estrangeira para que a pele da família possa ir clareando nas gerações seguintes.

Sobre castas, encontramos em HIRANO (2008) que suas características podem ser resumidas basicamente nos princípios da endogamia e hereditariedade, que é quando só há casamento entre membros da mesma casta e, quando os filhos pertencem à casta dos pais e são para sempre deste grupo social, de tal forma que não há mobilidade social “os destinos sociais prefiguram-se pelo nascimento, aparecendo como leis imutáveis, de modo que a cada membro da casta corresponda exatamente o destino e a história de sua casta”¹¹, em grupos fechados, quando os membros da casta são unidos por costumes sociais que lhes são peculiares e separados de outras castas por regras que limitam o contato ou impõem o afastamento; na repartição privilegiada e hereditária do trabalho, que está atrelada à forma como se divide o trabalho – fixando o trabalhador às condições de trabalho na qualidade de trabalhador proprietário dos instrumentos de produção e gerando a maestria, “que é um tipo particular de trabalho desenvolvida por um trabalhador dotado de grande saber de ofício e perícia artesanal”¹².

A forma como os dois grupos sociais se relacionam entre si no Haiti, bem como, o modo como se relacionam com o sistema social como um todo, trazida neste artigo pela investigação de Leyburn, faz-nos compreender que existe uma divisão bastante marcada e rígida entre os membros da aristocracia e das massas haitianas (ou também denominados camponeses, pelo autor) que

¹¹ HIRANO, Sedi. Formação do Brasil colonial: pré-capitalismo e capitalismo. – 2 ed. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 147..

¹² HIRANO, Sedi. Formação do Brasil colonial: pré-capitalismo e capitalismo. – 2 ed. – São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 146..



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

percorre desde a época da colonização e perdura até os dias de hoje, como uma sociedade que reproduziu por muito tempo sua estrutura política e ideológica enquanto vigia um Estado despótico e que legitimou simbolicamente o trabalho hereditário e privilegiado através da mestria no ofício das mulheres camponesas.

Por fim, Leyburn (1946) constatou que existe um grupo mais numeroso que não pode se classificar em nenhuma das duas categorias abordadas (aristocracia e massas). Este grupo seria um setor intermediário que compreenderia aqueles que têm dado alguns passos até o estrato superior. As pessoas que estão integradas neste grupo conseguem falar algumas palavras em francês, podem se vestir um pouco “melhor” que os membros das massas e, seus filhos teriam certas vantagens que seus pais se esforçam para lhes ofertar.

Atualmente, de acordo com dados apresentados pelo Banco Mundial¹³, em 2015, a população do Haiti encontra-se atualmente em torno de 10.461,409 milhões de pessoas, sendo que 58,50% da população vivem abaixo da linha de pobreza e a expectativa de vida é de 63 anos de idade.

A economia do país é extremamente precária e seu desempenho se encontra limitado pelo baixo alcance que têm os seus setores de atividades em relação ao tamanho e a composição da população ativa. O PIB per capita do Haiti é o mais baixo da América Latina, medido por paridade de poder aquisitivo a preços internacionais foi de US\$ 1,703, para 2013. O nível de integração pelo trabalho no Haiti é muito baixo e a população economicamente ativa (PEA), que constitui cerca da metade da população alcança uma taxa de desemprego de 40,6% com uma atividade informal que atinge 80% da ocupação¹⁴.

¹³ Encontrados no website do Actualix, no link: <http://pt.actualitix.com/pais/hti/estadistica-apresentacao-haiti.php>

¹⁴ Informações obtidas no informe elaborado pela Unidade de estudos de políticas econômicas e sociais do Caribe (UEPSC), 2015, elaborado pelo Ministério de economia, planificação e desenvolvimento do Haiti. Disponível em: <http://economia.gob.do/mepyd/wp-content/uploads/archivos/uepsc/informe-pais/2015/Hait%C3%AD.pdf>



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em 2015, a Unidade de Estudos de Políticas Econômicas e Sociais do Caribe, do Ministério de Economia, Planificação e Desenvolvimento da República Dominicana, com o objetivo de promover eventuais ações de políticas de cooperação e integração com as nações do Caribe, elaborou e apresentou um informe abordando um panorama geral sobre o desempenho sócio-econômico do Haiti¹⁵, e destacou que os serviços e as atividades agrícolas são os principais setores da economia, sendo que o primeiro representa 60% do PIB, e o segundo contribui com 22,4% deste indicador. Os principais produtos de exportação são o café, o cacau e a manga, enquanto que a produção para o consumo doméstico prevalece sendo o arroz, o milho, a banana, a cana de açúcar e o feijão. O informe também apontou que na atividade de comércio de serviços do ramo de hotelaria e restaurantes o PIB apresenta 28% e, entre 2001 e 2012 a média de crescimento foi de 4,2%, enquanto que o setor industrial responde por 17,7% do PIB, ainda que diante de limitações sobre o desenvolvimento econômico, como problemas de capital humano, deficiência no setor elétrico e do meio ambiente. O mesmo estudo informou que a partir de 2010 o crescimento setorial passou a ser liderado pela área de eletricidade, gás e água (27% em 2011 e 16% de 2012); seguido pela indústria transformadora (18% em 2011 e 7,1% em 2012).

No Haiti, cerca de 95% (noventa e cinco por cento) da população afirmam professar crenças cristãs através do catolicismo romano, e esta adesão é justificada por teóricos como sendo derivada da colonização pelos europeus, que eram grandes potências católicas da época¹⁶. Contudo, a prática do vodu, que é uma crença que mescla a sua origem no catolicismo com práticas tribais africanas, é muito comum no país e cerca de 80% (oitenta por cento) dos haitianos que são católicos praticam este ritual. Em tese, o povo haitiano possui o livre arbítrio para escolher e praticar a religião que quiser e acreditar, desde que não perturbem a ordem e a paz pública. É assim que assegura a Constituição da República do Haiti de 1987, em vigor, no seu artigo 30: “toas as religiões e todos os cultos são livres. Toda pessoa tem o direito de professar sua religião e seu culto, desde que o exercício de seu direito não perturbe a ordem e a paz pública”. Mas, na prática a questão das

¹⁵ Neste sentido: <http://economia.gob.do/mepyd/wp-content/uploads/archivos/uepesc/informe-pais/2015/Hait%C3%AD.pdf>

¹⁶ Neste sentido, PIERRE (2001) e PIERRE (2004).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

religiões tem interferência na educação das crianças haitianas, uma vez que muitas escolas públicas são coordenadas por padres católicos e estes condicionam a presença dos alunos na aula às missas dominicais. Foi esta a declaração que colhemos no Haiti, em 2008, de Israel Genet:

Temos um grande problema na educação aqui no Haiti, há muitas pessoas que não podem estudar por causa da falta de luz. Temos muita pouca universidades, e as que temos não são suficientes, pois não existe uma em cada departamento. Os diretores das escolas públicas são padres, por que o Estado os nomeia, então, eles instauram um sistema de controle criando uma carteirinha de presença nas aulas. Somente ganha presença quem comparece nas missas católicas aos domingos. Isso é ruim, porque quem é de outra religião acaba desistindo de estudar. (LONDERO, 2016, p. 58).

Nesta questão, o Estado haitiano, além de estar indo contra os princípios constitucionais na questão da liberdade religiosa vai de encontro à Convenção Internacional dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela resolução 217-A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, e ratificada pelo Haiti, que, em seu artigo XVIII afirma que toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

Luc-Joseph Pierre (2004), em *“Eduquer contre la barbarie”*, defende a tese de que a interferência da religião católica pelas vias da educação está diretamente atrelada aos processos de colonização no Haiti e com a escravidão, perdurando até a atualidade no país. Ele explica que em março de 1685 o rei da França encaminhou à *Saint Domingue* um decreto conhecido como “Código Negro”, determinando com este documento um regimento para organizar os escravos negros nas colônias francesas. No preâmbulo do mencionado Código é estabelecida a necessidade de manter a disciplina pela Igreja Católica, Apostólica e Romana e “definir sobre o status e a qualidade de escravos das nossas chamadas ilhas”. “Assim que, dos sessenta artigos de referida lei, oito (artigos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 11º) referem-se à religião católica e no que seria a obrigação desta Instituição: “instruir todos os escravos com a exclusão de qualquer outro culto, cujo exercício, de qualquer maneira, seja proibido”¹⁷.

Atualmente 56% (cinquenta e seis por cento) da população encontram-se abaixo da linha de pobreza, mais de 60% (sessenta por cento) estão nas estatísticas de analfabetismo, 66% (sessenta e seis por cento) da população rural sem terra não possui crédito agrícola, 80% (oitenta por cento) dos produtos alimentícios são exportados, 41% (quarenta e um por cento) tem acesso à educação próximo de seus locais de moradia, somente 51% (cinquenta e um por cento) possui acesso à água potável, menos de 5% (cinco por cento) da população rural vivem com menos de dois dólares por dia. No que toca a intensificação dos fluxos migratórios internos, desde 1995 aumentou na capital Porto Príncipe o número de habitantes na média de 75% e, mais de 3/4 da população encontram-se sem abrigo para morar¹⁷.

III. Metodologia

Procurou-se com esta pesquisa investigar como se formaram as desigualdades sociais no Haiti, a partir da estrutura social constituída na colônia de *Saint Domingue*. Assim, a elaboração deste estudo deveu-se a pesquisas bibliográficas realizadas entre 2014 a 2016, leitura de material teórico e prático selecionados, coleta de dados e atividades empíricas da autora com haitianos, no Haiti, em 2008.

IV. Conclusões

Com as discussões e os dados levantados neste trabalho, podemos concluir que a formação social da colônia francesa de *Saint Domingue*, localizada onde hoje se encontra o Haiti, teve por característica principal ser a maior produtora mundial de açúcar em meados do século XVIII, abastecendo sozinha aproximadamente 50% do mercado livre mundial e, para manter este status

¹⁷ Encontramos estes dados em ACOSTA, 2012, p.337..



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

competitivo de produção, precisou se utilizar de um elevado número de mão de obra escrava naquela época. Assim, a forma como os franceses organizaram as atividades económicas da colônia em distritos, norte, oeste e sul, com suas respectivas funções sociais colaboraram para determinar a divisão social do país.

De acordo com Leyburn, a atual divisão social do Haiti se dá basicamente em dois grupos sociais: a aristocracia e as massas, sendo que entre estes há uma rigidez que os separa um do outro, isto é, cada haitiano é norteado dentre de um destes grupos durante toda a sua vida numa determinada condição social de vida pré-determinada.

A leitura desta estrutura social apresentada impacta de forma negativa no pleno desenvolvimento democrático no Haiti. Se hoje a pobreza parece carecer de políticas públicas locais eficientes de combate a sua erradicação – estando aproximadamente 56% da população abaixo da linha de pobreza o sistema educacional apresenta-se restrito de abertura de acesso público a todos – sendo que mais de 60% estão nas estatísticas de analfabetismo, somente 51% da população possui acesso a água potável, entre outros indicadores apresentados, estas carencias merecem ser analisadas com profundidade dentro deste sistema social desigual estudado por Leyburn em 1946, que, embora tenham se passado décadas, atesta que o atual Haiti mantêm-se em situação extremamente precária entre a maioria da população e que poucos parecem ter possibilidades de ascensão social e/ou participação política sob um mesmo ponto de partida – menos desigual.

V. Bibliografia

ALEXIS, Jacques Stéphen. *Prolégomènes à un manifeste du réalisme merveilleux des Haitiens*. Dérivez. Montréal, n. 12, 1970, pgs. 245-271. Versão em português disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/alexis/jalexis.pdf>, com acesso em 16 de maio de 2014.

BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina: a América Latina colonial*. Vol. 3 2ª ed. – São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2001.

BOSCH, Juan. *De Cristóbal Colón a Fidel Castro: El Caribe, Frontera Imperial*. Madrid: Alfaguara, 1970.



BOWLER, Arthur. Haiti. *Étude économique et politique*. – Paris: Charles Bayle, Éditeur, 1889.

DI TELLA, Torcuato S. *La rebelión de esclavos de Haití*. Buenos Aires: Ediciones Del Ides, 1984.

DORSINVILLE. J. B. ET Luc. *Abrege d'Histoire d'Haiti*. Porto Príncipe: imprimerie de l'état, 1961.

FRAGINALS, Manuel Moreno. *O Engenho: complexo económico social cubano do açúcar*. Volumes I,II,III. – São Paulo: Hucitec: Editora Unesp, 1989.

FRANCH, José Alcina. *Bartolomé de Las Casas*. Madrid: História 16, 1986.

GORENDER, Jacob. *O épico e o trágico na história do Haiti*. In. Revista Estudos Avançados 18 (50), pgs. 296-302, 2004.

HIRANO, Sedi. *Formação do Brasil Colonial: Pré-capitalismo e Capitalismo*. – 2. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

LAS CASAS, Bartolomé de. *O paraíso destruído: a sangrenta história da conquista da América espanhola*. – Porto Alegre: L&PM, 1984.

LEYBURN, James G. *El Pueblo Haitiano*. – Buenos Aires: Editorial Claridad, 1946, p.15.

LONDERO, Raíssa. *A escravidão doméstica infantil no Haiti: estudo sobre o fenômeno dos Restavek's e reflexão comparativa sobre casos semelhantes no Brasil*. 2016. 242 f. Dissertação (Mestrado em Ciências para a Integração da América Latina) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MÉTELLUS, Jean. *Haiti: une nation pathétique*. Paris: Denoel, 1987.

PIERRE, Luc-Joseph. *Haiti: Vodou, Esclavage et identité*. – Porto Príncipe: Henri Dechamps, 2001.

PIERRE, Luc-Joseph. *Éduquer contre la barbarie: construire la cité*. Educative et Democratique. – Porto Príncipe, 2004.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SCAMARAL, Eliesse dos Santos Teixeira. *Haiti: a fenomenología de uma barbarie*. – Goiânia: Cânone Editorial, 2006.

SEITENFUS, Ricardo. *Haiti: A Soberania dos Ditadores*. – Porto Alegre: Sólivros, 1994.